

LIBRAS NO COTIDIANO DOS FAMILIARES DE PESSOAS SURDAS

TELOCKEN, Sueli¹. TELOCKEN, Suelen, Geíse².

RESUMO

Considerando o elevado número de pessoas surdas e a pouca utilização da língua de sinais em minha cidade, o presente trabalho visa buscar respostas para as dificuldades encontradas pelos familiares de pessoa surda para fazer uso desta forma de comunicação, levantar possibilidades que venham favorecer as relações familiares e apontar ações que possam ser disponibilizadas visando melhorar o relacionamento entre ouvintes e surdos no ambiente familiar.

Foi realizada também a pesquisa de campo, utilizando questionários aplicados às famílias de pessoas com surdez, onde foi possível perceber o quanto as famílias sentem dificuldade para se relacionarem com o ente surdo e a utilização da Língua Brasileira de Sinais, que é a primeira língua da pessoa surda e a grande facilitadora na comunicação entre ambos.

Palavras-chave: Surdez. Família. Comunicação. Libras.

ABSTRACT

Considering the high number of deaf people and the limited use of sign language in my city, this paper aims to seek answers to the difficulties faced by families of deaf person to make use of this form of communication, raising possibilities that may encourage family relationships and point actions that can be made available to improve the relationship between hearing and deaf in the family environment.

It was also carried out field research using questionnaires to families of people with hearing loss, where it was possible to see how families are finding it hard to relate to the deaf one and the use of Brazilian Sign Language, which is the first language deaf person and a great facilitator in communication between them.

Key words: *Deafness. Family. Communication. Pounds.*

¹Professora Escola Estadual de Educação Básica Venâncio Aires. E-mail: suelitel@yahoo.com.br.

²Mestranda UFSM. E-mail: stelocken@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Considerando a pouca utilização e conhecimento de Libras pelos familiares dos alunos surdos das escolas onde atuo e a utilização de sinais criados entre eles para se comunicarem, buscarei como objetivo descobrir os porquês da grande dificuldade dos familiares da pessoa surda em aceitar e utilizar Libras como forma de comunicação cotidiana entre eles e consequentemente encontrar meios de facilitar esta comunicação, principalmente a partir do desejo de buscar conhecer, aprender e utilizar libras no cotidiano. Nessa perspectiva, chegou-se

ao seguinte problema de pesquisa: Qual a origem da dificuldade da utilização de Libras entre surdos e familiares ouvintes?

O presente artigo consiste em conhecer o contexto comunicativo dos surdos e a influência em seu desenvolvimento, verificar a forma como se dá a utilização da Língua Brasileira de Sinais entre a pessoa surda e seus familiares e também descobrir quais as maiores barreiras e dificuldades provenientes da comunicação entre eles.

Sabemos que é por meio da comunicação que o ser humano inicia sua participação em todo e qualquer ambiente. A partir da integração, da convivência, vai se socializando e se envolvendo e se desenvolvendo de igual para igual, desde que se estabeleça um canal de linguagem comum, que favoreça de forma real e imediata a comunicação.

Pesquisando no minidicionário LUFT a palavra "comunicação" diz respeito ao "Ato ou efeito de comunicar(se)"; é a transmissão e recepção de mensagens por meio de métodos e/ou sistemas convencionados, é a mensagem recebida por esses meios e a capacidade de trocar ou discutir idéias, de dialogar, com vista ao bom entendimento entre as pessoas.

Sabedores de que a Língua Brasileira de Sinais – Libras, traz a verdadeira comunicação para o surdo, que ela é a língua materna deles e, que a grande maioria das famílias não tem conhecimento e o domínio sobre a mesma já prejudica, e muito, a comunicação entre ambos. Esta dificuldade na comunicação faz com que as famílias se sintam ainda mais fragilizadas, não sabendo a quem recorrer nem como proceder. Um sentimento de impotência, diante do filho surdo aumenta a frustração dificultando ainda mais na função da família que é oportunizar o pleno desenvolvimento de cada indivíduo.

Sendo a família o alicerce, o porto seguro de cada indivíduo, o ponto onde se inicia a sociedade, onde se organizam conceitos e se forma a personalidade e o caráter de cada um, ela é sem sombra de dúvida a responsável pela formação integral este trabalho tem como objetivos descobrir os porquês da grande dificuldade dos familiares da pessoa surda em aceitar e utilizar Libras como forma de comunicação cotidiana entre eles e conseqüentemente encontrar meios de facilitar esta comunicação, principalmente a partir do desejo de buscar conhecer, aprender e utilizar libras no cotidiano. Neste contexto é importante saber qual o papel da família e os desafios que ela encontra na comunicação com os surdos.

A primeira etapa do trabalho descritivo consiste em uma sustentação teórica, abordando os temas que serão verificados durante o desenvolvimento: surdez; família; comunicação e Libras.

A segunda etapa equivale a investigação e análise dos resultados da entrevista efetuada com os pais, que pode ser observada através da análise dos dados e nos anexos contendo a entrevista aplicada.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A fim de contextualizar a temática, será feita uma breve abordagem sobre as temáticas: Surdez, Família, Comunicação e Libras, mantendo o viés para o problema da presente pesquisa.

2.1. Surdez

A surdez é sem sombra de dúvidas um tema relevante para toda sociedade ouvinte e/ou surda. Sabedores das diferentes características entre deficiência auditiva que pode ser desde perda auditiva até perda total da audição, cabe esclarecer que abordaremos apenas a total perda auditiva ou surdez profunda, que atinge os dois surdos envolvidos nesta pesquisa. Sendo surdez, o nome dado a perda auditiva ou a incapacidade de ouvir e, visando melhor caracterizar o objeto desta pesquisa que é a pessoa surda cabe esclarecer que o Decreto nº 5.296/2004 (art. 5º, § 1º, I) explicita:

Deficiência auditiva: consiste na perda bilateral, parcial ou total, de 41 dB até 70 dB, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1000Hz, 2000Hz e 3000Hz.

Surdez: consiste na perda auditiva acima de 71dB, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1000Hz, 2000Hz e 3000Hz.

A partir da caracterização do nosso objeto de pesquisa, a surdez profunda, ou seja, a total incapacidade de ouvir, não se fará necessária abordagens em relação a utilização de aparelhos ou formas que venham auxiliar ou melhorar a audição e sim buscar os reais facilitadores para que a comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, ocorra de forma a transformar o convívio familiar e social de forma a permitir o pleno desenvolvimento do surdo. Neste viés a família é a grande promotora de crescimento e desenvolvimento, o verdadeiro objeto de inclusão no mundo real.

2.2. Família

Sabemos que é na família que toda pessoa, surda ou ouvinte, preenche suas necessidades mais básicas de sobrevivência e a comunicação e é também ela que tem fundamental importância no desenvolvimento pleno de cada um. É na interação pessoal, individual ou coletiva, que as potencialidades vão sendo desenvolvidas de forma integral podendo se dar de forma positiva ou negativa, de acordo com estímulos transmitidos e recebidos, que é por meio da comunicação que a pessoa participa, se integra na família e na sociedade, participando, convivendo e se socializando. Diante desta realidade, a família, na

forma como estiver constituída, é a responsável para dar início a toda formação do ser humano.

Considerando o pensamento de Scott (2001), o termo família é:

“um ponto de estabelecimento de alianças entre grupos; um ponto de definição da filiação e pertença ao grupo; um ponto de negociação de gênero e a referência para o estabelecimento de relações entre gerações. É um local de afirmação de reciprocidade e da hierarquia, simultaneamente (SCOTT, 2001, p.96) “

Portanto, nas famílias podem estar indivíduos como pais, avós, tios, primos, e todos aqueles que se nomeiam como família, compartilhem de relações de nível hierárquico, recíproco, apresentarem sentimento de pertencimento e ocuparem diferentes posições numa relação de parentesco. No sentido de família percebemos que os componentes estão ligados uns aos outros por uma condição de identificação podendo ser compostas tanto pelos laços de consanguinidade existentes entre os indivíduos quando por outros tipos de vínculos entre as pessoas.

Para compreender melhor o significado de família, podemos nos remeter a Cupello(1994 apud PEREIRA, 2008,p.37):

“O mais importante agente de socialização é a família, pois a mesma executa a tarefa crucial de socializar a criança e modelar o desenvolvimento de sua personalidade.por isso, cabe a familia da criança surda desdobrar-se em paciência e carinhos constantes para exercer, além de seus papéia tradicionais, os de completar, em casa a aprendizagem da linguagem. a afetividade é imprescindível para o seu ajustamento emocional e a sua segurança íntima. Cupello” (1994 apud PEREIRA, 2008,p.37).

Quando da família faz parte uma pessoa surda, existe a necessidade de se acrescentar a todos os cuidados necessários ao pleno desenvolvimento, outras formas de atenção porque é ela que vai amparar o filho surdo para que ele se torne um indivíduo confiante, capaz de reagir diante dos obstáculos da vida, diante de seu modo diferente de se relacionar com o meio. Cabe aos pais dispor de mais tempo para o aprendizado do filho surdo, amparando o mesmo para que se torne uma pessoa confiante, capaz de reagir aos inúmeros obstáculos que a vida venha oferecer. Na visão de Esser (1995 apud PEREIRA, 2008, p. 38):

“Os surdos que recebem uma base sólida da família, fato este que leva o surdo acreditar no seu próprio potencial, que é completado na escola especial regular, quando leva dentro de si imagem positiva dos estímulos adequados recebidos ao longo do tempo, tem elementos que podem modificar conceitos negativos existentes na sociedade pela falta de reconhecimento, da sociedade em geral, do aspecto psicológico com relação ao mesmo”. Esser (1995 apud PEREIRA, 2008, p. 38).

Considerando que na família existem dois grupos distintos linguisticamente, a pessoa com surdes e as ouvintes, é preciso realizar uma intervenção diferenciada em relação a comunicação, já que o surdo estará em desvantagem diante da comunicação faz-se necessário, uma outra língua, própria para os surdos: a Libras – Língua Brasileira de Sinais e assim estar buscando se adequar às necessidades deste membro da família.

O surdo, como qualquer outro indivíduo, sente a grande necessidade de comunicação entre ele e os outros membros da família. Quando não são bem entendidos os surdos tendem a se isolar não só do convívio familiar mas também do convívio social e a família, principalmente os pais devem estar cientes da importância da comunicação entre eles, por meio da língua de sinais, que é a forma como o surdo melhor se adaptará e assim desenvolverá as potencialidades de comunicação entre ambos e com o mundo. A este respeito Negrelli e Marcom (2006, p103) alegam que:

“A participação da família na comunicação do surdo, por meio dos sinais, possibilitará a esse indivíduo a interação com o mundo e tornará o convívio mais agradável e feliz. Igualmente essa língua, na educação e nas escolas, vai proporcionar a vivência de uma realidade bilíngue das relações culturais, institucionais e sociais”.
Negrelli e Marcom (2006, p103).

É a partir do interesse constante dos pais em buscarem condições que os levem a entender a língua de seus filhos, que fará com que os surdos sintam-se amados, queridos e queiram assim participarem da vida familiar e social de forma direta, encarando as dificuldades ou problemas que possam aparecer e se assumirem na condição de surdo, buscando o acesso e a aprendizagem da primeira língua, a sua língua natural que dará a ele a capacidade de assumir sua identidade surda, utilizando a língua de sinais.

2.3. Comunicação

Em tempos passados, algumas teorias foram formuladas a respeito do comportamento humano e desenvolvimento da linguagem. Este assunto continua sendo alvo de pesquisas até os dias de hoje, por abranger um campo fértil e complexo educacional.

Fatores ambientais e biológicos são determinantes no desenvolvimento da linguagem e a partir de uma visão lingüística, considera-se que os seres humanos nascem pré-dispostos a aquisição de uma língua e este é um dos motivos para que a língua de sinais - a primeira língua do surdo, (L1) deve ser adquirida pela criança surda de forma espontânea, a partir de um ambiente propício, isto é através da convivência com pessoas que usam a língua de sinais. O aprendizado de uma segunda língua, (L2) poderá ocorrer de forma sistematizada e não dependerá do tempo hábil no desenvolvimento, mas de uma estrutura previamente adquirida de uma primeira língua.

Conforme Scliar-Cabral (apud Quadros, 1997, p. 85),

...“a não exposição a uma língua, no caso a língua nativa, no período natural da aquisição da linguagem, causa danos irreparáveis e irreversíveis à organização psicossocial de um indivíduo”. . Neste aspecto confirmamos a necessidade da aquisição da L1 e aprendizagem da L2 em tempo adequado.

Portanto a criança surda deve ser exposta ao modelo de uma primeira língua logo que estiver apta a receber as primeiras estimulações, quanto mais cedo melhor, para que as perdas que venham se acarretar não sejam tão grandes a ponto de prejudicar toda sua comunicação, na família, na escola e na sociedade

A linguagem permite ao ser humano estruturar seu pensamento, traduzir seus sentimentos, registrar o que conhece e comunicar-se com os outros. É através da linguagem que o homem vai se construindo como sujeito, vai desenvolvendo as potencialidades e possibilidades de causar transformações profundas em todas as áreas do conhecimento. A. linguagem, tanto na forma verbal quanto a não verbal é o meio ideal para a transmissão de sentimentos, emoções e conhecimento.

Quando se refere a pessoas surdas é preciso que se faça presente uma interferência diferenciada, buscando alternativas para a falta de audição e visando desenvolver outras áreas sensoriais da área visual e motora, principalmente de mãos e braços par que possa fazer uso da língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos, emitidas por meio de gestos e sinais.

As crianças surdas desenvolvem espontaneamente um sistema de gesticulação manual que se assemelham com o de outro surdo sem nunca terem tido contato entre si. A capacidade de comunicação linguística é um dos principais responsáveis pelo processo de desenvolvimento da pessoa surda em toda a sua potencialidade e por isso, estudos visando facilitar a aprendizagem e a comunicação, continuam sendo intensificados. Para FERNANDES 1990:

“A influência da surdez sobre o indivíduo mostra características bastante particulares de seu desenvolvimento físico e mental até seu comportamento comoser social. Neste aspecto, dedstaca-se a linguagemcomo fator de vital importância para o desenvolvimento de processos mentais, personalidade e integração social do surdo. A comunicação e, sem dúvida, o eixo da vida do indivíduo, em todas as suas manifestações como ser social. É oportuno, pois, reconhecer a necessidade de novos estudos que sirvam de suporte a novos métodos educacionais e ofereçam à comunidde surda melhores condições de exercerem seus direitos e deveres de cidadanis. Além disso, é preciso dar aos esécialistas da área melhores subsídios para o estudo do desenvolvimento línguístico e cognitivo das crianças que estão sob a sus reponsabilidade profissional. Desenvolver-se cognitivamente não depende exclusivamente do domínio de uma

língua, mas dominar uma língua garante melhores recursos para as dadeias neurais envolvidas no desenvolvimento dos processos cognitivos". (FERNANDES, 1990, p.49).

Sabemos que a capacidade de comunicação é responsável pelo processo de desenvolvimento da criança surda, da sua potencialidade desempenhando seu papel e integrando-se na sociedade.

De acordo com Dámazio (2007, p. 21) "A Língua de Sinais é, certamente, o principal meio de comunicação entre as pessoas com surdez". Portanto faz-se necessário um envolvimento da comunidade escolar e sociedade como um todo, para que haja sucesso na inclusão, pois a educação não é neutra em seus valores, tem que parar de existir conflitos entre o papel da escola e sociedade, é preciso assumir uma perspectiva sociolinguística na educação de surdos dentro da instituição escolar considerando todas as formas de comunicação, pois não se deve privar o surdo de ter acesso à aprendizagem. As práticas educativas devem ser realizadas de forma que levem ao aluno a verdadeira aprendizagem seja ela através da escrita da língua portuguesa, ou através da língua de sinais.

2.4. Libras

Sendo Libras - Língua Brasileira de Sinais o meio legal de comunicação e expressão da pessoa surda, iniciou-se uma rápida caminhada em busca de legalizar, tornar clara e precisa a sua utilização. A Lei 10.436, no artigo 1º, parágrafo único esclarece que:

Entende-se por Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Esta passa a ser a forma oficial de comunicação da pessoa surda, permitindo pleno e amplo desenvolvimento do indivíduo. Oportunizando a realização pessoal, profissional e social de seus usuários de forma a preservar sua identidade e realizar seus desejos e sentimentos mais íntimos. O Artigo 2º da mesma Lei garante a oferta e norteia utilização:

Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras com o meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

É dever de toda sociedade, instituições públicas, empresas privadas, setores e serviços de um modo geral, garantir atendimento adequado aos indivíduos surdos, buscando conhecer e adequar as necessidades desta forma de comunicação. A forma de tornar conhecido Libras fica assegurada pelo artigo 4º da Lei 10.436:

O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.

Todas as medidas adotadas para iniciar o acesso ao conhecimento e aplicação de Libras está garantida e legitimada, trazendo segurança não só a comunidade surda que se apropria de sua língua materna, mas também dos ouvintes que interagem diretamente e diariamente com eles.

Diante da necessidade de melhorar a comunicação entre surdos e ouvintes sentiu-se a necessidade da existência de outros profissionais, que viessem fortalecer e sustentar a confiabilidade nas relações entre eles. Emerge então uma nova profissão. A de Tradutor e Intérprete da Língua brasileira de Sinais, conforme Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010:

O artigo 1º da Lei "regulamenta o exercício da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS." Dando-lhe a competência para utilizar duas línguas simultâneas, conforme art. 2º:

O tradutor e Intérprete terá competência para realizar interpretação de 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa.

Efetuar comunicação por meio da Libras, exige do profissional grande rigor técnico, ética profissional, respeito pela pessoa humana e a cultura do surdo em especial, uma vez que deverá se manter sempre imparcial e fiel aos conteúdos que lhe foram confiados para traduzir. Fica instituída a Língua Brasileira de Sinais Libras como a 1ª língua das pessoas surdas e Língua Portuguesa como segunda língua.

Cabe as instituições de ensino promover cursos de formação de professores para o ensino e uso da Libras, visando manter as regras e orientações da LDB - lei de Diretrizes e Bases Nacional.

3. MÉTODO

Optou-se por um estudo qualitativo os quais, em sua maioria, são feitos no local de origem dos dados, adequando-se para os fenômenos claramente definidos, tendo por objetivo reduzir as distâncias entre teorias e dados. O trabalho de descrição tem caráter fundamental em um estudo qualitativo, pois é por meio dele que são coletados os dados (GIL, 2011).

Foi escolhido o sistema de perguntas abertas para familiares (Pais e Mães ou representantes legais) de dois alunos com surdez profunda da Escola Estadual de Educação

Básica Venâncio Aires, Cruz Alta – RS para obter-se uma melhor interpretação das respostas das perguntas, complementando-as e para maior abrangência por parte das pessoas que foram pesquisadas, assim podendo obter uma melhor exposição das ideias, visto que esse tipo de pergunta permite ao informante responder livremente, usando linguagem própria e emitir opiniões (MARCONI; LAKATOS, 2003).

A pesquisa foi realizada nas casas dos familiares das pessoas surdas. As duas famílias que fazem parte deste trabalho serão denominadas de F1, F2 e as crianças que possuem surdez A1 e B1 respectivamente.

4. Panorama Familiar

A F1 é constituída pelo pai, pela mãe, uma irmã mais velha e uma irmã mais nova, todos ouvintes e a criança surda que será denominada A1.

Na F1 a perda auditiva de A1, só foi detectada por volta dos 3 para 4 anos de idade, a mãe pensava que fosse preguiça ou falta de necessidade de falar, já que por volta de um aninho emitia sons, resmungos para chamar a atenção sobre ele e apontava para tudo o que queria e era imediatamente atendido. Numa consulta médica, este profissional percebeu que não era normal aquela situação e orientou os pais a procurarem uma neuropediatra para verificar o atraso na fala e a diferença na forma de comunicação de A1.

Houve bastante demora até que tivessem um diagnóstico sobre a surdez profunda do A1. Foi um processo via judicial, passando por todos os especialistas da área de saúde, foi sofrido, angustiante, mas que ao mesmo tempo foi fortalecendo a família em relação a condição de surdo.

Após ter sido confirmada a perda auditiva em A1, a família iniciou acompanhamento fonoaudiólogo na clínica PROAUDI no município de Ijuí, para onde se desloca quinzenalmente até os dias de hoje.

Os pais de A1 trabalham fora e quando este não está na escola ele fica em casa com as duas irmãs. É uma criança bastante tímida, insegura e solitária. Não costuma brincar na vizinhança nem sair de casa sem a companhia dos pais, principalmente da mãe de quem é companhia fiel.

Na família ninguém tem grandes conhecimentos sobre Libras, esta se atém a palavras chaves aprendidas na escola e que A1 ensina aos familiares e a comunicação básica entre todos os familiares se dá a partir de gestos criados por eles para representar as atividades, objetos e necessidades do dia a dia.

A responsabilidade em ajudá-lo nas tarefas escolares e do dia a dia fica mais a cargo da mãe. O pai também se envolve diretamente porém com menor instensidade. Seu

relacionamento com a irmã mais velha é mais discreto uma vez que a irmã sente dificuldade em se comunicar com ele. Embora a irmã já tenha concluído o Ensino Fundamental nunca se interessou em aprender Libras para melhorar a comunicação entre eles.

A1, não apresenta círculos de amizades, não recebe amigos em casa nem busca se encontrar com algum colega, familiares (primos, parentes) ou vizinhos na intenção de fazer amizade, brincar ou até assistir televisão.

O contato de A1 com Libras se dá especificamente na escola, a família tem pouco conhecimento sobre a mesma e tem plena convicção que a Língua Brasileira de Sinais é a primeira língua do surdo, que é com ela que A1 vai se comunicar com o mundo e assim desenvolver suas reais possibilidades tanto emocionalmente quanto profissionais. A justificativa para a falta de conhecimento sobre Libras se deve ao fato de não haver oferta de cursos, quando acontecem tem custo elevado, e também por não haver uma organização de pessoas que tenham em comum o objetivo de trocar experiências, informações e aprenderem juntos, de forma informal, a viver e conviver com a língua do surdo - Libras

Atualmente A1 está com 14 anos, frequenta uma Classe Especial para Surdos, onde aprende a Língua Brasileira de Sinais - Libras e está sendo preparado para ser incluído na Sala Regular, no 5º ano do Ensino Fundamental. Seu convívio com os alunos ouvintes da escola acontece durante a Educação Física, intervalos, passeios e atividades escolares que envolvam a escola como um todo.

Apresenta pouca curiosidade em relação ao que olha na TV, gosta muito de programas que aparecem animais, de modo especial documentários sobre felinos – gatos e demonstra desejo em trabalhar construir prédios, ter seu próprio dinheiro e ajudar seus pais.

Na F2, os pais estão separados desde que B1, como denominaremos a pessoa surda desta família, e que hoje está com 13 anos era bebê. B1 cresceu numa família composta pela mãe, e dois irmãos mais velhos do que ela. Atualmente residem a mãe e um irmão dois anos mais velho.

A surdez de B1 foi percebida pelo pai, que fazia visitas periódicas e por volta do primeiro aninho da filha, percebeu que ela não respondia aos estímulos dos sons mais básicos produzidos por ele. Foi difícil acreditar que B1 pudesse ser surda, mas foram tirar dúvidas e procuraram um médico que fez os primeiros encaminhamentos. Iniciou-se uma longa peregrinação a especialistas de Cruz Alta, Ijuí, Passo Fundo e Porto Alegre e veio a confirmação da surdez profunda em B1.

A criança se desenvolveu de forma tranquila e a comunicação entre eles se deu por sinais caseiros que a própria família criava junto com B 1. Sempre gostou muito de sair de

casa, ir a pracinhas, entre suas brincadeira favoritas está, até hoje, o jogo com bola e tudo que oportuniza o exercício de correr, correr livremente e em espaços amplos.

Gosta muito e brincar com uma vizinha, sua amiga ouvinte, da mesma idade dela, com quem se relaciona bem e se identifica e onde se percebe uma relação de efeito recíproco. Dentro de casa seu relacionamento se dava com sua irmã mais velha e depois do casamento desta, passou a se relacionar muito melhor com a mãe, que obteve em não trabalhar fora para poder cuidar bem da filha, em quem confia e de quem depende para ir a escola e fazer passeios e visitas.

Tem um bom relacionamentos com os sobrinhos, embora demonstre bastante ciúmes do mais novo, que ainda é bebê e é cuidado pela mãe do indivíduo em questão. É muito dedicada e cuidadosa com suas coisa, seu quarto e não admite que ninguém mexa em suas coisas particulares e pessoais. Há muitos anos não se encontra mais com seu pai que se mudou para um Estado distante e não mantém mais contato.

A forma de comunicação entre os ouvintes da família e B1, sempre ocorreu de forma satisfatória para ambos. Se entendem pelo olhar, por sinais caseiros criados juntos e após a sua entrada na Escola utilizando Libras, de forma discreta mas procurando incorporá-las no dia a dia da família.

Com a entrada na adolescência, B1 começou a demonstrar insatisfação com o desenvolvimento de seu corpo, e não está sendo fácil fazê-la compreender que as alterações são normais e acontecem com todos. A mãe está tendo que acompanhar B1 na escola e buscá-la quase que diariamente mais cedo. Só confia na mãe e quer estar junto dela o tempo todo.

A família de B1 tem interesse em utilizar a língua Brasileira de Sinais – Libras, mas encontra muitas barreiras e dificuldades para participar de cursos e aprender esta forma de comunicação. Situações financeiras, horário das atividades, falta de tempo, distância entre locais, tudo é motivo para não se envolver em cursos ou encontros que possibilitem a aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais.

.5. Resultados

Analisando a forma como se dá a comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos e sendo esta a responsável por um maior e melhor desenvolvimentos da pessoa surda, percebeu-se em ambos os caso a fragilidade desta comunicação, que ficou restrita a sinais e gestos restritos a família e a um pequeno grupo social.

O relato feito pelos pais de ambos segue uma trajetória típica que acontece com muitas famílias que tem filhos surdos. O ambiente passa a ser muito restrito, de poucas informações,

bastante pobre em relação a conhecimentos especificou e também aos amplos que devem nortear a vida de toda pessoa, surda ou ouvinte. Existe uma grande “perda” comunicativa entre pais e filhos.

A comunicação entre eles baseia-se em gestos, olhares e pouca utilização de Libras e sobre pequenos assuntos ou circunstâncias vivenciadas no âmbito familiar.

Um ambiente adequado ao desenvolvimento cognitivo e comunicativo da criança surda deve assegurar também um contato com adultos surdos, com os quais ela possa identificar-se e desenvolver-se emocionalmente e finalmente a criança deve ter a oportunidade de criar uma visão do mundo que a rodeia. Baseando-se nestas colocações e também em reflexões encontradas em Rodrigues (1993), apud Quadros (1997, p. 80), “se as línguas de sinais têm período crítico, então as crianças surdas estão iniciando tarde seu aprendizado”, podemos perceber que F1 e F2 não proporcionaram integralmente o ambiente adequado para a aquisição da linguagem para os filhos surdos, de modo que eles pudessem ter a aquisição de Libras em tempo hábil, prejudicando também o seu sucesso escolar.

Obteve-se a informação do que a família vislumbra para si em termos comunicativos e depende de seu posicionamento as relações que se estabelecem com os filhos. Ambos os pais com conhecimento sobre as importância em utilizar Libras no convívio diário com seus filhos, embora não o façam em seu cotidiano.

Percebe-se que nenhuma das famílias tem posicionamento contrário a utilização de Libras, porém não fazem distinção entre sinais, gestos ou língua de sinais o que nos leva a acreditar que o conhecimento, de ambas, a respeito na língua de sinais seja insuficiente.

Fica explícita a necessidade da realização de cursos e encontros formais e informais, com o objetivo de ofertar a aprendizagem da LIBRAS aos familiares das pessoas surdas, buscando atingir também amigos, vizinhos e toda ou qualquer pessoa da relação destas famílias que se relacionam de alguma forma com o indivíduo surdo.

Apesar de não haver uma forma fluente de comunicação entre os membros das famílias, surdos e ouvintes, os filhos surdos tem a possibilidade de entrarem em contato com outros surdos na escola e deste modo, seu desenvolvimento linguístico não fica ainda mais comprometido.

6. CONCLUSÃO

Através deste trabalho pode-se ratificar a importância do uso de LIBRAS no dia a dia da pessoa surda. Porém, por si só, o uso desta língua quando utilizada apenas pela pessoa surda, não traz o benefício que pode ocorrer quando utilizada dentro de um contexto maior

que venha a proporcionar desenvolvimento linguístico, emocional, cognitivo e cultural do surdo.

O uso da língua de Sinais é uma opção, apoiada pelas famílias, mas não seguidas na prática e todos na família tem a clareza e a certeza de que estão falhando em relação a pessoa com surdez porque estão deixando, com esta forma de agir, de beneficiar a comunicação fluente do mesmo e assim não permitindo ou proporcionando o maior e melhor desenvolvimento de seus filhos.

A certeza de que a LIBRAS é a língua materna do surdo e que este necessita da família para ter acesso a ela, o mais cedo possível e não só na escola mas também em seu ambiente familiar que é onde se inicia seu desenvolvimento, não está sendo motivo suficiente para que a família busque se apoderar desta língua, busque realmente introduzi-la no dia a dia da família.

É preciso desacomodar, é preciso sair do conforto da casa e buscar em cursos existentes ou então organizar cursos ou encontros para que se possa estudar e aprender a Língua Brasileira de Sinais e conseqüentemente, facilitar e melhorar a comunicação em casa, mas acima de tudo, estar oportunizando um melhor desenvolvimento na comunicação da pessoa surda em todas as áreas e ambientes por onde venha a participar como cidadão consciente e atuante.

O fato das famílias entrevistadas não se comunicarem fluentemente com seus filhos, admitirem o uso de uma língua de sinais pelos mesmos, significa que estas ainda poderão vir a procurar como se comunicar, como proporcionar um ambiente mais adequado e conhecer mais sobre os seus filhos surdos.

REFERÊNCIAS

GIL, A. C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social, 6ª ed., São Paulo, Atlas, 2011.

DÁMAZIO Mirlene Ferreira Macedo. Atendimento Educacional Especializado para Pessoa com Surdez. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A., Fundamentos de Metodologia Científica, 5ª ed., São Paulo, Atlas, 2000.

NEGRELLI, Maria Elizabeth Dumont; MARCON, Sonia Silva. Família e Criança Surda. Revista Ciência, Cuidado e Saúde, Maringá, v.5, n.1, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ciencCuidadSaude/article/view/5146>. Acesso em: 8 ago. 2012.

PEREIRA, Rachel de Carvalho. Surdez: aquisição de Linguagem e Inclusão Social. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

SCOTT, R. Parry. Famílias sem casais e a diversidade conjugal no Brasil. Intersecções – Revista de Estudos Interdisciplinares, UERJ, Rio de Janeiro, ano 3, n.2, p.93-112, jul/dez. 2001.

FERNANDES, Eulália. Problemas Linguísticos e Cognitivos do Surdo. Rio de Janeiro: Agir, 1990

LUFT, Celso Pedro, 1922-1995. Minidicionário Luft/ Celso Pedro Luft; colaboradores Francisco de Assis Barbosa, Manuel da Cunha Pereira; organização e supervisão Lya Luft. – 21. Ed. – São Paulo: Ática, 2005.

QUADROS, R. M. Educação de surdos. A aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

___Presidência da República. Decreto Federal nº 5296/2004, de 03 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção e acessibilidade.

___Presidência da República. Lei 12.319, de 1º de setembro de 2010 - Regulamente a profissão de Tradutor e Intérprete da língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

___Presidencia da República. Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispões sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.